

# Perdida na Selva

JULIANE KOEPCKE  
Condensado de STERN

*Pouco antes do meio-dia de 24 de dezembro do ano passado, um Electra da Lansa saiu de Lima, num vôo de rotina com destino a Pucallpa, a 765 quilômetros de distância, em plena selva, através dos altos Andes. Levava 92 passageiros, um dos quais era Juliane Koepcke, de 17 anos, uma garotinha franzina, de minissaia, que viajava com a mãe. No seu último contato com o controle de terra, o comandante informou que pousaria dentro de 38 minutos, e em seguida o avião desapareceu. Aviões de busca não encontraram destroços. Onze dias mais tarde, a 4 de janeiro, a menina de minissaia surgiu da selva sozinha, a roupa em frangalhos, descalça, sangrando, coberta de feridas, mas cheia de coragem. Juliane conta aqui o seu drama quase inacreditável.*

**S**EMPRE gostei de voar. Não estava com medo quando, no dia 24 de dezembro do ano passado, mamãe e eu embarcamos no vôo 508 da Lansa, de Lima para Pucallpa. Havia gente que não queria voar na Lansa

porque dois dos seus aviões tinham caído nos últimos 18 meses. Mas mamãe e eu tínhamos boas razões para estar naquele avião: eu terminara o ginásio em Lima e queria passar o Natal com papai, na nossa cabana na selva. Papai, ecologista, e mamãe, ornitóloga, tinham chegado ao Peru, vindos da Alemanha, havia 25 anos. Eram ambos professores na Universidade Nacional de San Marcos, e nós passávamos muito tempo na selva, onde eles faziam pesquisas.

Meu lugar era na terceira fila de trás para a frente, à janela. Mamãe ia ao meu lado, e na poltrona do corredor sentava-se um desconhecido. Parecia tudo muito normal — a decolagem, a passagem sobre os Andes cobertos de neve, o café, a aëromoça sorridente, e logo a floresta verde espalhando-se para leste em direção ao horizonte. O pessoal ia lendo ou conversando, todo o mundo em clima de Natal.

Com tempo bom, o vôo de uma hora de Lima a Pucallpa é

um dos mais lindos do mundo. Meia hora depois de sairmos, porém, quando estávamos sobre a floresta, a visibilidade diminuiu. A chuva começou a bater contra a janelinha e o ar estava cheio de turbulências. O avião começou logo a subir e descer. Houve a luz de um raio aterradoramente perto. O avião sacudiu terrivelmente. Malas de mão caíram da prateleira. Alguém deu um grito. Do lado de fora, vi uma espécie de labareda amarela e luminosa saindo da asa direita. Olhei para mamãe e ouvi-a dizer: «É o fim de tudo.» No instante seguinte, houve uma batida forte, e eu me vi fora do avião, voando para longe dele, sempre atada à poltrona.

Lembro-me de ter ficado rodando e rodando no ar. Lembro-me também de ter pensado que as árvores da floresta lá embaixo pareciam couves-flores. Depois disso, não me lembro de mais nada, desmaiei.

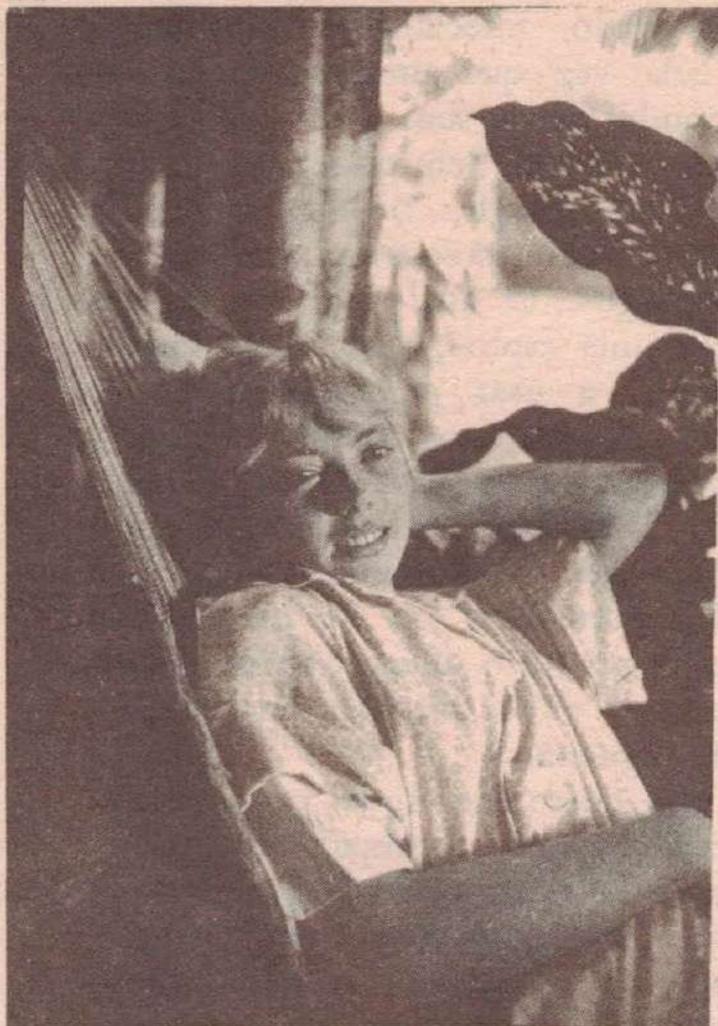
A chuva me acordou. Ainda era dia. Eu estava deitada sob uma fileira de três poltronas voltadas para baixo. Não havia sinal de mamãe nem dos outros passageiros. Nem do avião. Só se ouvia o coaxar das rãs e a chuva caindo. Havia perdido um sapato, um anel e os meus óculos. Tinha uma vaga sensação de que havia um osso saltado no meu pescoço e que um olho estava tão inchado que eu mal enxergava. Estava com um galo na cabeça e um corte no pé. Não sentia dor, mas não conseguia arranjar forças para mover-me e

olhar à volta. Passei então a noite inteira deitada sob as poltronas, semi-adormecida, em estado de choque.

Na manhã seguinte, arrastei-me dali devagarinho, porque estava tudo dançando na minha frente. Achei um pacotinho e abri-o. Continha uns caramelos duros e um bolo de Natal. Experimentei o bolo e joguei logo fora. Estava encharcado e me virou o estômago pelo avesso. Apanhei um galho comprido, com o qual experimentaria o terreno a fim de evitar cobras, aranhas venenosas e formigas. Nos anos que passáramos ali, meus pais me haviam ensinado sobre os perigos da selva: não são os animais grandes, a onça, o jaguar ou a anta, que são os mais perigosos, mas as cobras e os pequeninos, os insetos.

Sempre examinando o terreno com a vara, saí procurando mamãe. Estava tão tonta que tinha de parar a cada poucos passos e descansar. Depois de horas andando por ali, ouvi baixinho o som de água corrente — um riacho. Meus pais me haviam ensinado que, perdida na selva, a gente tem de sempre procurar um curso de água e acompanhá-lo até achar os rios maiores. Os rios eram as estradas daquela região, e as tribos de índios e os lavradores brancos viviam às suas margens. Na realidade, um garoto americano havia encontrado a nossa cabana seguindo um córrego até dar num rio. Tomei-o como meu modelo e pensei: «Se ele conseguiu, eu consigo também.»

FOTO HEIDEMANN



*Juliane, pouco depois de ter sido salva*

Nas florestas tropicais do Peru, os rios correm em meandros e círculos. A gente pode andar quilômetros ao longo de uma margem, e avançar uma centena de metros em direção ao destino. Além disso, estão coalhados de mosquitos — bilhões deles, todos doidos por sangue — fora jacarés e piranhas, o peixe que não deixaria de ser atraído pelo sangue que corria do corte no meu pé; se me pegassem, arrancariam a minha carne com os dentes afiados.

Mas eu *tinha* de ficar junto do rio. Suas margens estavam cobertas de vegetação emaranhada, o que

fazia de cada passo um problema difícil; às vezes, tinha de vadear pela água, porque enormes troncos apodrecidos bloqueavam o caminho. O progresso era muito lento. A certa altura, ouvi o zumbido de mosquitos, e segui-o — até a uma fileira de poltronas do avião. Três meninas estavam atadas a elas, mortas. Encontravam-se cobertas de mosquitos. Saí dali.

Só em filmes é que as noites na floresta são bonitas. Na vida real, são de matar de medo. Há sempre barulhos de algum lugar: cobras? Alguma coisa me subia pela perna: uma tarântula? O próprio ar parecia contaminado pelas árvores apodrecidas. Dormi aos sobressaltos.

No terceiro dia, ouvi os abutres. Onde eles aparecem geralmente há cadáveres. Encontrei um pedaço do avião, cheio de cabos retorcidos. O lugar fedia a combustível queimado. Não vi nenhum sobrevivente. Na tarde do terceiro dia, ouvi um barulho de avião. Gritei. Sabia que não adiantava, mas gritei assim mesmo. «Alô! Socorro!» Fiquei ali gritando. Eles deviam estar muito perto, embora não chegasse a vê-los, nem eles a mim, é claro. Logo o barulho desapareceu, e eu estava de novo sozinha. Mas não perdi a coragem. Dava para andar, não sentia fome e podia beber a água limpa do riacho.

No quarto dia, acabaram-se os caramelos, o único alimento que eu tinha. Estava inchada das mordidas dos mosquitos e das varejeiras. Aqui e ali, exércitos de

formigas em marcha bloqueavam-me o caminho. Lutando contra o mato emaranhado a fim de evitá-las, não conseguia cobrir mais que umas miseráveis centenas de metros por hora. O meu riachinho, contudo, corria mesmo para um rio. Descendo o seu curso pela margem, ia vendo papagaios, macacos, beija-flores muito pequeninos e minúsculas orquídeas de inúmeras variedades penduradas de troncos. Certa vez, surpreendi uma paca parada a uns dois metros de mim. O animal se assustou e fugiu para o mato. Por toda a parte, imensos sapos escuros saltavam desajeitados e caíam no chão com um barulho horrível. Pensei em comer esses sapos, mas desisti. Parece incrível, mas não tinha fome. Resisti a frutas que pareciam deliciosas, porque muitas coisas que são lindas e tentadoras são também venenosas.

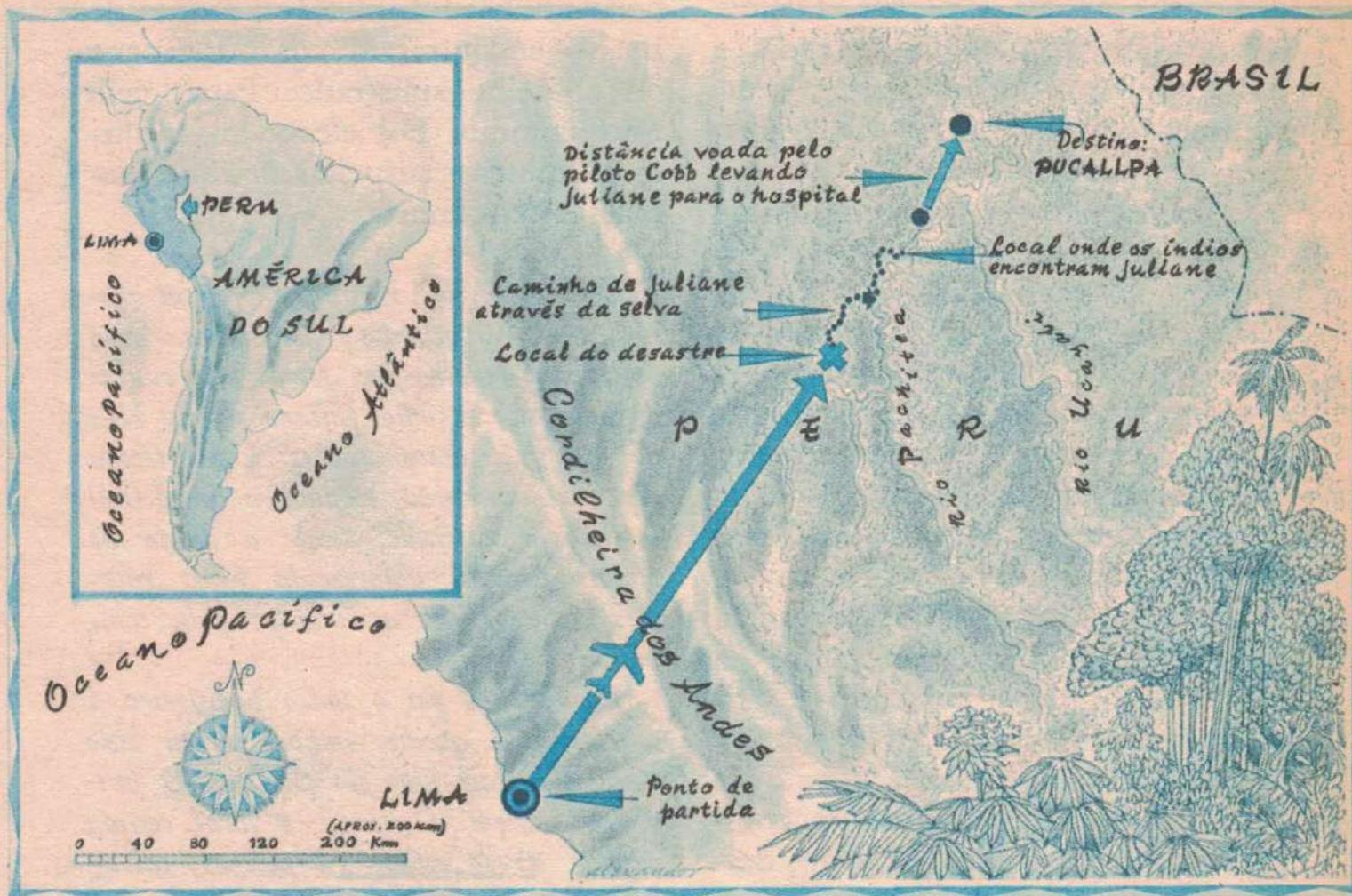
A selva é cheia de armadilhas, e é também um campo de batalha no qual andam de mãos dadas o que já está podre e o que ainda está crescendo. As plantas lutam umas contra as outras, roubam a luz do Sol umas às outras, sufocam-se, e, famintas, sobrevivem devorando os cadáveres das vítimas. Há árvores que não param mais de crescer, mais de 60 metros de altura. Mas enquanto, triunfantes, espalham suas coroas ao sol, pairando sobre suas conquistas, elas próprias estão começando a ser estranguladas pelos cipós cá embaixo. A morte é contínua, silenciosa e maciça.

A ferida aberta do meu pé estava

piorando, infectada pelos insetos. Cada vez que um picava, estava pondo ali os seus ovos, dos quais saíam larvas. Sem poder fazer nada, via-as emergir, balançando cabeças que pareciam pontas de aspargos. O anel que me restava era uma espiral, que eu estiquei e passei a usar para extrair larvas das feridas nos meus braços e pernas — cada uma delas de oito a 13 milímetros de comprimento. Estavam me comendo viva. Um dos buracos já era tão grande que cabia um dedo. «Deus que me ajude», pensei. «Vão ter de amputar... se eu aguentar.»

O curso de água que eu tão penosamente acompanhara começava a ficar mais largo. Sempre que dava para ver bem à frente, eu arriscava nadar. Era mais rápido, porque a correnteza me arrastava. Em terra, olhava bem onde pisava, porque a folhagem apodrecida podia ocultar uma cobra ou um caranguejo venenoso. «Se você pisar num caranguejo», pensei comigo, «está liquidada.»

Andar era cada vez mais difícil. A falta de comida, a umidade e um calor de 45° haviam-me enfraquecido. O rio agora era tão rápido que não dava mais para nadar. Num fim de tarde, eu estava procurando um lugar onde passar a noite, que cai de repente perto do equador. Pela reconstituição feita mais tarde, sei que era o 10.º dia. De repente, vi um barco amarrado à margem do rio e um caminhozinho que levava a um barracão. Entrei, e



vi no chão um motorzinho de popa cuidadosamente embrulhado e uma lata de gasolina. Alguém haveria de aparecer ali, sem dúvida, mas quando?

Deitei no chão e dormi muito mal. Fiquei procurando ouvir vozes humanas, mas só ouvia guinchos de macacos e os gritos dos papagaios. Outras vezes, algo parecia mover-se lá fora, perigosamente próximo.

Na manhã seguinte, quis continuar. Podiam passar-se dias, semanas até, antes que alguém viesse buscar o barco. Mas eu não queria pegar o barco... não era meu. Entretanto, recomeçara a chuva forte, e eu fiquei no barraco. Com um pedaço

de folha de palmeira, extraí mais larvas. Ouvi vozes, de repente, e três homens entraram correndo, refugiando-se da chuvarada. «Olha só!» exclamou um deles, em espanhol. «Que é que temos aqui?!»

Eram caçadores *mestizos* — branco com índio. Disseram-me que tinham vários daqueles barracos espalhados pela floresta, usados nas suas expedições. Sabiam do desastre do avião. Um deles estivera a bordo de um dos aviões que sobrevoara a selva procurando os destroços. «Não achamos nada», disse ele. «Gente, restos, nada.»

Lavaram minhas feridas com gasolina e extraíram mais 30 vermes

dos meus braços e pernas. Depois lavaram-me com água salgada e passaram pomada nas feridas. Prepararam-me uma papa de frutas, mas não consegui comer.

Cedo na manhã seguinte, arrumaram o bote e levaram-me rio abaixo. O meu rio, que era o Shebonya, alargou-se, tornando-se mais rápido e perigoso. Olhei para a margem por onde teria tido de andar, e vi que se tornava cada vez mais impenetrável. Na junção com outro grande rio, o Pachiatea, havia rápidos perigosos e redemoinhos. Levamos horas para alcançar a povoação de Tournavista, ainda na selva. Veio gente correndo e gritando para me ver. Um dos meus salvadores explicou-me por quê: Meus olhos estavam injetados, completamente vermelhos. O rosto, desfigurado e inchado, chegara ao ponto de deformação pelas picadas dos mosquitos. Os braços e as pernas estavam em carne viva, escalavrados pelos vermes. Eu era um pesadelo ambulante.

Sendo uma colônia agrícola, Tournavista tinha um pequeno dispensário, onde me lavaram e cuidaram-me das feridas. Usaram um remédio especial para extrair o resto dos vermes e deram-me uma injeção para evitar infecções. Onze dias e meio depois do desastre, tornei a embarcar num avião, um pequeno bimotor que me levou até à base da missão americana do Instituto Linguístico de Verão, perto de Pucallpa, onde um médico americano me tratou. Ajudados

pelas minhas informações, aviões de busca encontraram os destroços do aparelho sinistrado. Papai veio ficar comigo. Foi ele quem confirmou minhas suspeitas de que mãe estava morta.

*Destroços do Electra foram encontrados espalhados por uma área de 16 quilômetros na selva. As causas do desastre, e como Juliane chegou viva ao solo, são desconhecidas. Uma teoria diz que o avião explodira a 3.000 metros de altitude, sendo a queda de alguns pedaços amortecida pelas enormes correntes de ar criadas pela tempestade.*

*Juliane não foi o único passageiro a sobreviver à queda, embora tenha sido o único a sair vivo da floresta. O primeiro homem a atingir o local contou depois: «Pelo menos 12 pessoas, talvez 14, sobreviveram, algumas delas durante 10 dias. A prova é fácil: quando os encontramos, os corpos estavam ainda em início de decomposição ou mesmo perfeitos. Os que morreram imediatamente foram devorados pelos abutres ou pelos mosquitos, que os deixaram reduzidos apenas a ossos.»*

*Juliane Koepcke, hoje morando em Kiel, na Alemanha, recuperou-se bem. Ela teve sorte, sob vários pontos de vista. Os caçadores que a encontraram no barraco disseram que apareciam ali mais ou menos uma vez a cada três semanas. Chegaram bem a tempo. E Juliane, se não tivesse esperado passar a chuva, continuando rio abaixo, jamais teria saído viva. Não teria podido encontrar qualquer povoado durante muitos dias ainda.*